

**SEMINÁRIOS CLÍNICOS - ANANKÊ - BRASÍLIA/DF**

Nossos Seminários Clínicos neste semestre têm como tema:

 **A PSICOTERAPIA INSTITUCIONAL E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA**

09/11 - As Demandas da Clínica Contemporânea e a Psicoterapia Institucional: O tratamento das neuroses graves e dos estados limítrofes - Thiago Mesquita - Mestre em Psicologia pela UnB e Diretor Clínico da Unidade de Intervenção em Crise do ANANKÊ

**SCRLN 712 / 713 Norte Bl. C Ljs. 4/5 Brasília/DF
HORA - 19:30**

SEMINÁRIOS GRATUITOS E ABERTOS AOS PROFISSIONAIS DA ÁREA DE SAÚDE MENTAL

PEDIMOS QUE CHEGUEM COM 15 MINUTOS DE ANTECEDÊNCIA PARA REGISTRO.
PROGRAME-SE!!!

**A PSICOTERAPIA INSTITUCIONAL E A CLÍNICA CONTEMPORÂNEA**

**Thiago Mesquita**

Questões complexas como a modernidade em que fatores como caos, interação, natureza, ordem, tarefa, separação, modificação representam fortes influenciadores da relação do homem com o mundo habitado.

O homem parte em busca de uma condição purificante – alicerce de seu desejo – onde tem o seu surgimento no aparecimento de aspectos refratários. A fabricação deste conteúdo gera dissociações combinada com uma linguagem de autorreferência em que e objetiva produzir um sentido nobre sobre si mesmo.

Então com frequência o homem contemporâneo se expõe ao traumático, aos fatores que o levam a perceber o fracasso, à pacificação e purificação das coisas. Em que este homem passa a experimentar o fracasso da razão da linguagem, afetos que não são ordenáveis, onde a superficialidade induz ao pensamento de que a própria essência é a conclusão para a reflexão momentânea.

É então o indivíduo um agente de sua própria paixão, entorpecido pelos desejos mais profundos. Em que os indivíduos organizados em agrupamento fazem valer a regra de que cada um sozinho consegue chegar a um lugar, e mais ainda, que o desejo de um é o desejo do outro. E chega a um momento um insight brota desta essência humana em que o desejo de ser uno torna como objetivo mestre dos indivíduos a quebra da simbiose social.

O **Self-made man** (o homem que se fez sozinho) cuja proposta é um desenvolvimento de dentro para fora permite a visualização de fatores internos determinantes para as transformações sobre o externo por parte do homem.

Uma das consequências do desdobramento desta teoria foi a visualização sobre a sociedade de um recalque ideológico que identifica como alicerce da cultura do sujeito a existência desse recalque para que este sujeito possa existir dentro desta cultura. É como se toda a sociedade fechasse os olhos para determinadas condutas, padrões, atitudes, aspectos físicos, aspecto étnicos, comportamentos, homofobia, raça, discriminação de mulheres, ciganos, psicóticos e crianças,...

Apesar de existirem em sociedade, jamais têm a dimensão de serem representativos de um segmento desta sociedade, onde o senso comum afasta do consciente coletivo a contribuição ou o destaque do seguimento colocados à parte da civilização. Assim a contribuição positiva para o progresso social da cultura negra não existe. Assim a contribuição positiva social para a cultura LGBT não se torna visível ou aparente na sociedade. O esforço feminino de somar uma elevação do padrão de vida social da família é condicionado a ser percebido de forma acessória ao mando masculino e nunca agente de transformação de uma família. Porque todos estes exemplos não são geradores de cultura de fato, porque estão excluídos do olhar massificador de uma sociedade.

Se uma pessoa faz algo genial para o olhar atento da sociedade ela não é tida como doida, porém se uma pessoa que não atinge a complexidade requerida para atingir um destaque social ela é vista como um indivíduo carregados de distúrbios, portanto só poderá ser reconhecida pelo social como louca. E nada se espera desta última a não ser fazer parte da contabilização estatística social de pertencer a algo que deve estar excluído do olhar do comum, ou seja, o recalque ideológico em plena atuação.

Porém uma transformação social decorre quando grupos potenciais emergem para o consumo, porque a visão econômica que o grupo gera dinamismo social é suficiente para que fatores de conveniência elevem tais agrupamentos ao status de civilidade, onde o recalque ideológico rompe o seu elo como inconsciente coletivo, para emergir mesmo que temporariamente sobre a visão do homem comum. E o que antes era renegado a não-cultura, passa a ser exaltado e colocado nos alicerces da sociedade como uma inovação ou novidade, mas que coexistia na cultura de forma velada e anônima pois todos queriam esconder suas sombras porque a representatividade do seguimento não representava uma mais valia social.

Quando os indivíduos se organizam na forma de coletivo é que a visão cultura começa a mudar. Porque o coletivo do século XXI, é longe de ser o coletivo dos soviéticos, mas um coletivo que agrupa singularidades que podem ser compartilhadas entre pessoas que carregam características de afinidade.

A entrada do indivíduo na sociedade denota em função da queda do recalque ideológico que permite o saber sobre a cultura vista como coletivo.

O raciocínio em torno do coletivo torna válida a relação do saber da existência de um coletivo muito maior no qual o entendimento sobre a cultura perfaz o desenvolvimento social de forma homogênea e superlativa.

A alucinação surge quando o indivíduo busca o contato com o mundo e este parece não compreender os alicerces do indivíduo que se projeta sobre o mundo e ao recolher as impressões não é capaz de fusionar o conhecimento interior do aprendizado externo.

Enquanto o neurótico tende a se ligar mais no próprio indivíduo, em que o abastecimento de informações do espaço exterior, torna um conteúdo de linguagem tão denso que o indivíduo se perde na projeção interna de si mesmo bem mais tempo do que as próximas apreensões do saber externo no qual a apropriação do conteúdo passa a ocupar papel secundário na vida deste indivíduo e suas relações anteriores já apreendidas potencialmente mais revitalizantes de estímulos motivacionais para seu contínuo agir.

Já as pessoas que possuem Borderline possuem pela característica de alternância do estado psíquico uma grande dificuldade de gerar simbolização. Onde o simbolismo é negado e o analista é ignorado dentro do cenário em que o indivíduo em condição de aprendizado somático prefere se prender mais a si do que sua inserção para com o contemporâneo.

Mas este fenômeno de recusa da diferenciação que agregam indivíduos em elementos de um mesmo conteúdo está intimamente relacionado a fatores de alienação psíquica e alienação social.

Onde a alienação psíquica é possível de ser visualizada como sendo a entrada do sujeito na linguagem do desejo. Enquanto a alienação social é o condicionamento do sujeito para com a sociedade.

Porém se o mundo contemporâneo tem a oferecer o anonimato da diferença através do processo simbólico do recalque ideológico descrito anteriormente, é necessário criar um espaço, ao se fazer menção a clínica contemporânea, que integre necessidades, e visualizar os indivíduos não neste Coletivo maior que constitui toda a sociedade, mas na introdução de conteúdos direcionados para este saber discriminado que é representativo do coletivo que ainda não encontram vasão social para emergir das profundezas do inconsciente coletivo.

E de repente o fruto desta percepção da diferença é possível ser traduzida nas visualizações de funções sociais do indivíduo que integrem o todo (civilização), podem existir dentro do espaço individual dele. Como também criar funções sociais que são instrumentos da alienação social para introduzir este indivíduo no status de cidadania.

Em que insight promovido pela troca de papeis pode indicar o caminho da inserção pela prática de uma escola de alienação psíquica em que a tônica da transferência do conteúdo para um indivíduo é a aplicação da liberdade.

Mas o grande desafio é articular a alienação psíquica com a social. Para isto é preciso que a instituição deva estar desalienada da estrutura globalizada do entendimento social.

Onde é necessário repensar políticas, trocas, relações sociais, formas plásticas de demonstrar as feições do coletivo através do teatro, festas, assembleias em que o espaço entre o indivíduo e a instituição é criado para gerar um entendimento para agregar valores interativos entre as partes que se somam em núcleos de desejos, necessidades e intenções (espaço de participação da gestão social).

Não menos importante é preciso questionar o caminho em que o trabalho direciona as pessoas no sentido da integração e inserção social. Então se chega à conclusão que o sujeito é muito importante e ele tem uma identidade que não pode ser de forma alguma desprezada. E desta maneira a indagação de quem é este sujeito soa importante para o núcleo que dota tais indivíduos da liberdade e planejamento do conteúdo objeto de sua inserção contemporânea.

Então se questiona a necessidade deste indivíduo diferenciado que agora é conhecido. E este conhecimento se volta para a integração com a instituição que terá a obrigação de definir o que é apoio? O que de fato este cidadão precisa para existir inserido em um núcleo social seja ele de um pequeno coletivo ou de um Coletivo maior social.

O coletivo é portanto, uma máquina que captar alienação. Entenda como alienação uma lógica de raciocínio que o indivíduo encarcera a sua integração com o ambiente. E um indivíduo saindo de uma alienação, fatalmente estrará em outra que lhe servirá de abrigo a manifestar o seu conhecimento.

Mas para se chegar a este processo de abertura há que se pensar nos processos que envolvem a hierarquização das instituições. Seria a rigidez um entrave para a construção deste processo de aglutinação dos coletivos para inserção na sociedade?

Ordem e caos, natureza e cultura, causa e diversidade, variação e diferenças, são conceitos etiológicos necessários para o arcabouço do saber que devem ser mitigados para a geração de uma conduta ética e de emersão destes agrupamentos na forma de coletivo para um aniquilamento do recalque social imposto ao agrupamento razão de seu sofrimento, desterro, incompreensão e falta de dignidade e transparência.

É preciso reconhecer pessoas como gente capazes a lutar por um espaço no campo de trabalho para fazer com que suas diferenças possam ser visualizadas não como algo nocivo ao conteúdo de quem já está inserido, mas como pessoas com direitos a se manifestarem de forma adversa a realidade grupal. Porque a realidade grupal é a alienação de uma só via de pensamento massificado que representa todos como um só indivíduo em que se abstrai os fatores de criatividade inerentes a personalidade dos indivíduos.

Então aqui é compreendido a noção de criação do coletivo, como uma correspondência direta para que o corpo do sujeito possa trabalhar na integração do corpo do coletivo. Aqui entra o caráter integrador que a instituição deve promover ao sujeito.

A psicose é a indiferença. O delírio tem a função de laço social e a fantasia é um recurso de construção do próprio sujeito.

Na relação de simbiose e separação do indivíduo do contexto mais abrangente ao qual aniquila sua possibilidade de surgimento pelo recalque social da sua verdadeira natureza individual de ser é necessário que o sujeito passe pela simbiose para que depois o ater a diferença para que ele passe a perceber o sujeito como outro, em que esta separação e a matiz de significados do social crie as condições do existir como persona e do existir como integrante do contexto maior (sociedade).

Então é possível compor esta fusão de indivíduos como uma máquina ao ser idealizada com peças, sendo cada peça um indivíduo que integra uma função precisa e característica do modelo civilizatório a formar um coletivo integrado.

Não tem como negar a desigualdade, mas as diferenciações psíquicas e sociais sim.

A máquina de desalienação torna o coletivo uma estrutura mais horizontal, porque aproxima pessoas de ideias afins, onde a tentativa de construir o espaço demarcando as diferenças fazem surgir os diversos coletivos entre as grandes instituições tornado visíveis as diferenças culturais, possibilidades de trocas e a valorização do mercado quanto a diferenciação como um modelo que ao segmentar consegue alocar parte de seu esforço econômico para suprir as necessidades do contexto emergente que uma vez organizado passa a ser funcional para a sociedade.

Enquanto o social é uma estrutura alienante global, é uma máquina de projetar alienações, o espaço do coletivo é uma localidade de exceção, porque neste local é possível gestar a cidadania ao se sentir inserido, como um protótipo da verdadeira inserção social que se dará com a fundamentação necessária que se produz nas instituições com este objetivo, para fazer com que o indivíduo deixe de se ver como uma carga negativa ou infrutífera para a sociedade e passe a se afirmar como uma estrutura de saber que pode somar forças para a agregação de economia para a sociedade.

Mas o problema surge quando os sintomas da alienação não são estruturas claras, ou como promover a luta contra a alienação global? Será que lutar é a melhor saída? Ou concatenar algo interno seu, de seu coletivo, que some ao conteúdo holístico seria a saída para a integração final ao social? E que função poderia atribuir ao holístico a gestão de ilhas de loucuras? Seria uma tentativa de não excluir de vez a criatividade represada no individual em que se projeta para alguns indivíduos aquilo que se quer esconder e ao mesmo tempo preservar?

Se não fosse o recalque ideológico seria possível se falar em antropologia negra, mas em vez disto é muito mais fácil falar da descendência branca europeia, enquanto se fala em raça negra transfere o conteúdo histórico da memória na forma de miscigenação da cultura branca na construção social.

O coletivo incita necessidade de diferenciação. Muitos momentos o impulso é reprimir o que não se compreende, que a via de regra é a omissão da linguagem na expressão da cultura, retornando a busca pela simbiose esquecendo a diferenciação.

A proposta do coletivo é criar uma máquina de desalienação generalizada, para minimizar os efeitos do viés ideológico da visão corporativa para com o indivíduo que a visualização da diferença não é alcançada dento do social maior.

Para que uma estrutura seja recalcada ela tem que ter inscrição psíquica sobre o consciente coletivo. E nunca é demais afirmar, que o caminho da integração e reconhecimento do coletivo pela maioria é a fabricação de um fetichismo de valor econômico estereotipado para a ocorrência da introdução do indivíduo em sociedade.

Max Diniz Cruzeiro (Compilação de conhecimento da palestra)

LenderBook Company

Psicopedagogo Clínico e Empresarial

Neurocientista Clínico

Estudante de Teoria Psicanalítica.

www.lenderbook.com